



RELICI
A ESCOLA COMO UM LUGAR QUE NUNCA ME SONHARAM¹²

*Rogério Rodrigues*³

Nunca me sonharam. Direção de Cacau Rhoden. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2017. 124 minutos.

RESUMO

Temos como objetivo apresentar uma análise do filme nacional “Nunca me sonharam” (2017), dirigido por Cacau Rhoden. A análise do referido filme se justifica como documentário com mais de setenta entrevistas realizadas em oito estados do Brasil e que apresenta uma leitura sobre o problema da educação escolar. Portanto, em diversos relatos é possível encontrar o depoimento de alunos, professores e gestores sobre a dificuldade encontrada no dia a dia para a realização da tarefa da escolarização. Propomos como conclusão que se deve compreender o filme enquanto um movimento de ruptura com o reino da necessidade, buscando o campo do desejo não realizado no sujeito do vir a ser no campo escolar.

Palavras-chave: Educação; Emancipação; Prática educativa; Conhecimento.

ABSTRACT

In this article we will present an analysis of the national film "Nunca me sonharam" (2017), directed by Cacau Rhoden. The analysis of this film is justified as a documentary with more than seventy interviews conducted in eight Brazilian states, which present a reading about the problem of school education. Therefore, in several reports it is possible to find the testimony of students, teachers and managers about the difficulty encountered in everyday for the accomplishment of the task of schooling. We propose as a conclusion that the film must be understood as a movement of rupture with the realm of necessity, seeking the field of unfulfilled desire in the subject of becoming in school.

Keywords: Education; Emancipation; Educational practice; Knowledge.

¹ Recebido em 23/10/2018.

² Agradecimentos ao programa de mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

³ Universidade Federal de Itajubá. rrunifei@hotmail.com



RELICI

INTRODUÇÃO: O FILME NACIONAL “NUNCA ME SONHARAM” (2017)

O filme nacional “Nunca me sonharam” (2017), dirigido por Cacau Rhoden, apresenta o resultado de quase dois anos de produção e contou com mais de setenta entrevistas realizadas em oitos estados do Brasil (SALDAÑA, 2018). Em tais relatos, é possível encontrar o depoimento de alunos, professores e gestores sobre a dificuldade encontrada no dia a dia para a realização da tarefa da escolarização.

O filme apresenta um fio condutor em torno das questões que se tornam evidentes, diante das contradições de um sistema escolar que não apresenta soluções para as diversas demandas sociais. Essas questões acerca do paradoxo social também se encontram em outros trabalhos do mesmo diretor, tais como “Quem? Entre muros e ponte” (2015), “Tarja Branca – A revolução que faltava” (2014) e “Gotas” (2005).

Portanto, escrever sobre o filme “Nunca me sonharam” (RHODEN, 2017) é o desafio de poder escutar diversas narrativas sobre a distinção entre o possível, que reduz o sujeito a um objeto no esquadramento das formas disciplinares da instituição escolar, e o impossível sonhar em vir a ser algo além dos limites constituídos nas determinações do real.

Grande parte dos indivíduos entrevistados encontra-se inserida nessa rotina educativa, que encaixa todos os sujeitos em mundo predeterminado pelo paradigma das ciências. Nesse caso, o sujeito no campo escolar está circunscrito por um conjunto de saberes, e não se trata de identificar os diversos sujeitos que realizam os depoimentos, pois todos apresentam em comum o fato de buscarem em seus sonhos o impossível “[...] de nosso saber e de nosso poder, aquilo que não se pode



RELICI

106

definir como um ponto de ancoragem de uma ação técnica” (LARROSA, 2004, p. 194).

A narrativa do filme permite compartilharmos uma discussão da qual, de um lado, também fazemos parte, no que diz respeito a esse inusitado sonho não sonhado que nos mantém num projeto de construção de algo, cujos resultados desconhecemos; por outro lado, sabemos que as determinações do real destroem os sonhos nessa defasada estrutura da instituição escolar, que se volta para o precário pragmatismo do educar associado à concepção de instruir os sujeitos em torno de um reducionismo perante o conceito das coisas.

DISCUSSÃO: A DIFERENÇA ENTRE O ENSINAR E O EDUCAR

O filme deixa de apresentar o paradoxo que se encontra presente no interior da precária instituição escolar que, apesar do reducionismo dos conceitos, ainda é, para grande parte da população, o único espaço pertinente para se sonhar em ser o inusitado. Portanto, o aparelho escolar, para muitos, é algo que “salva vidas” em um lugar onde se empobrece no campo das relações humanas, onde a vida não possui valor algum. Para tanto, o educar e o ensinar deveriam ser algo que se pudesse distinguir numa ação prática, em que se possa compreender que:

Não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar; uma educação sem aprendizagem é vazia e, portanto, degenera, com muita facilidade, em retórica moral e emocional. É muito fácil, porém, ensinar sem educar, e pode-se aprender durante o dia todo sem por isso ser educado (ARENDR, 2011, p. 246).

Podemos compreender que o filme, em relação a essa diferença entre o ensinar e o educar, permite novas interpretações sobre o campo educacional, pelo viés daquele que deseja algo enquanto sujeito e que se encontra na esperança de que ocorram mudanças na instituição escolar, mudanças que possam permitir as condições necessárias para a realização do sonho de vir a ser o inédito enquanto sujeito. Para tanto, fica uma mensagem sublimada no filme: a instituição escolar



RELICI

precisa mudar. No intuito de se compreender esse anseio por mudança, é que surge a pergunta central para todos aqueles que trabalham diretamente com a educação: o que precisa mudar no campo educacional?

Torna-se possível observar no filme que o sistema educacional não permite circular a questão do sonho de mudança, pois, de um lado, o desejo encontra-se negligenciado, e de outro lado, ocorre uma hipervalorização do atendimento da necessidade humana. Em termos poéticos, todos nós sabemos que:

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte [...] (TITÃS, 2018).

As determinações do real que se encontram presentes no aparelho escolar indicam uma guerra entre o sujeito que fala, na posição discursiva do suposto saber, e a coisa que brilha em diversos aparelhos eletrônicos que invadem o espaço da sala de aula e que possuem o valor que destitui a palavra do educar como lugar próprio do saber do educador. Observa-se que não se trata de uma condenação dos diversos instrumentos que se encontram presentes na unidade escolar, mas, quando falamos de sonhos, é preciso lembrar que máquinas não sonham. O sonhar é uma condição do ser humano e, inclusive, Sigmund Freud, em 1900, coloca a questão do sonho como o caminho próprio de acesso à interpretação das formações do inconsciente (FREUD, 1996). Entretanto, trata-se do reconhecimento de que algo se altera nessa modernidade em tudo o que possui outra velocidade, quando se trata de relacionamentos no campo da transmissão das palavras que estabelecem alguma diferença entre o significante e o significado. Dir-se-ia que é nessa diferença que se pode encontrar algum elemento que torna o sonho impossível um modo de alcançar aquilo que não se encontra presente.



RELICI

108

Outro dia, eu estava na condição de professor em sala de aula, num programa de pós-graduação, em que os cadernos foram substituídos por notebooks, como a tão sonhada modernidade da nova escola, e eu estava citando um fato relacionado ao tema da aula, lembrava-me do primeiro termo de uma expressão, mas ao segundo termo desta apenas pronunciei alguma coisa similar. Para o meu espanto, um aluno sentado a minha frente fez a correção instantânea do segundo termo. O que temos presente nessa nova condição: para o sujeito que anuncia a palavra, a impossibilidade de o sujeito do esquecimento realizar sua lembrança, em termos da psicanálise, interpretar os motivos do esquecimento; para o sujeito da escuta, a não realização da compreensão das diversas possibilidades de significação que se encontram presentes no esquecimento, ao se encontrar em sites de busca o resultado da palavra esquecida.

Em termos de sonho, entre o esquecer e ser lembrado, a estética do filme é muito apropriada, ao capturar um discurso do sonho que não é sonhado numa instituição escolar que se torna um pesadelo, uma grande máquina de triturar sonhos, tal como é retratado no filme “Pink Floyd - The Wall” (PARKER, 1982).

Em termos de pensar o ensino escolar, a grande questão seria: como se tornaria possível romper com a concepção reducionista de que educar é instruir, impedindo o sonho e realizando do pesadelo no qual os sujeitos estão dentro de um aparelho escolar, como um enorme notebook, que tudo sabe perante a rede de informação?

CONCLUSÃO: EDUCAR PARA QUE?

Sabemos que vivemos em um mundo em que tudo se reduz à informação e que não se sonha em ser o que não é, pois pouco se permite circular o desejo em que os sujeitos possam ser capturados sob o prisma do educar, que deseja saber algo da ordem do “não saber”.



RELICI

109

Na interface do conhecimento, perante o “não saber”, pais e educadores encontram-se contaminados por uma concepção de mundo alheia à construção do inédito e olham para as crianças e jovens, na espera da estreiteza da formação de competências para ocuparem seus possíveis lugares no mercado de trabalho. A escola funciona apenas como disciplinadora de corpos e mentes, cujo intuito é tornar os sujeitos dóceis e aptos para uma competência no exercício da força de trabalho (FOUCAULT, 1991). Temos uma redução do sonho, busca-se ser algo para a necessidade, apropriar-se da técnica para estar em algum lugar no mercado de trabalho em que não se pode estar “fora do assunto”, pois

Em família, reprime-se uma criança que se exprime “fora do assunto”, “fora do sujeito”, e isto continua na escola, no quartel, na fábrica, no sindicato, na célula do partido. É preciso se estar sempre “no assunto”, “no sujeito” e “na linha”, mas o desejo, por sua própria natureza, tem sempre a tendência de “sair do assunto”, “sair do sujeito” e derivar. (GUATTARI, 1981, p. 178).

Assim, o reino da necessidade se transpõe como única saída de uma escola que não permite a realização do desejo, e o que prevalece é uma escola instrumental, que reduz todos a objetos, e reduzidos à coisa, o que transpõe é o ódio cuja manifestação não se explica no ato de repúdio ao ensino escolar.

Nesse caso, devemos fazer um esforço para compreender o filme enquanto um movimento de ruptura com o reino da necessidade, buscando o campo do desejo não realizado no sujeito do vir a ser. Nesse ponto é que se encontra a maior dificuldade em termos de políticas públicas administrativas na proposição da base nacional comum curricular. Isso se pode analisar em outro momento, mas o que se torna oportuno destacar é que o governo, na representação do “Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), estabeleceu que o dia

2 de agosto foi a data escolhida pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação – Consed, para promover um Dia D de discussão da BNCC para o Ensino Médio. Mais de 28 mil escolas públicas e particulares de todo o país estão sendo convidadas a participar, envolvendo 509 mil professores na avaliação da proposta da Base que está em análise pelo Conselho Nacional de Educação - CNE. (CONSED, 2018).



RELICI

110

Sabemos que o “Dia D” que será um momento de muito trabalho, no sentido de encontrar o caminho para os acertos do processo formativo no campo escolar que façam da escola um lugar agradável para a realização do desejo de vir a ser do sujeito. Entretanto, a nossa pergunta ainda se encontra no campo da escuta do filme, pois nada sabemos quando será a “Noite D”, quando poderemos realizar o sonho daqueles que nunca se sonharam.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CONSED. *Meio milhão de professores do Ensino Médio estão convidados para discutir a Base*. Disponível em: <http://www.consed.org.br/consed/diadensinomedio> Acessado em 01 ago 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. 1898-9 [1900]. In: _____. *Obras Completas Sigmund Freud*. v. I. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

GUATTARI, Félix. Micropolítica do fascismo. In: _____. In: *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PARKER, Alan. *Pink Floyd - The Wall*. Inglaterra: Video Arte, 1982. 95 minutos.

RHODEN, Cacau. *Gotas*. Brasil: Brasileira Filmes, 2005. 6 minutos

RHODEN, Cacau. *Nunca me sonharam*. Maria Faria Filmes: Brasil, 2017. 124 minutos.



RELICI

111

RHODEN, Cacau. *Quem? Entre muros e ponte*. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2015. 19 minutos.

RHODEN, Cacau. *Tarja Branca – A revolução que faltava*. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2014. 120 minutos.

TITÃS. *Comida*, Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/titas/91453/>. Acessado em 02 ago 2018.

SALDAÑA, Paulo. *Documentário investiga a realidade do ensino médio em escolas públicas* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/05/1886143-documentario-investiga-a-juventude-e-ensino-medio-de-escolas-publicas.shtml>. Acessado em 01 ago 2018.